

CORREIO DO VOLTA

Semanario
independente, noticioso e litterario
Orgão dos interesses da villa d'Eixo

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
na Typographia A. F. Vasconcellos, Suc.
Rua de Sã Noronha, 51

PORTO

DIRECTOR E PROPRIETARIO:
ALFREDO RODRIGUES COELHO DE MAGALHÃES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
NA
RUA DE S. MIGUEL N.º 36
PORTO

Não se devolvem originaes nem se accetea collaboração que não seja sollicitada.

Solução facil

Resolveu-se o sr. Beirão a dizer ao rei que não podia governar com o parlamento. Pediu, portanto, a dissolução, e, no caso de não ser attendido, que tivesse Sua Magestade paciencia, mas tratasse de substitui-lo.

Passou-se isto ha mais de oito dias. E da parte do sr. D. Manuel não houve ainda uma palavra ou um acto decisivo. Tudo hesitações. Encara a questão—e põe-se a tremer de medo. E a sua attitude explica-se.

Dissolver as côrtes seria desencadear uma tempestade formidavel, como a que D. Carlos desencadeou, quando, pondo na rua os representantes da nação (?) começou a governar ao lado de João Franco. Demittir os progressistas seria indispor a corôa com o partido mais numeroso, mais disciplinado e mais forte.

As hesitações e o medo do monarcha devem ter subido ao auge quando o sr. José Luciano lhe bateu o pé. E, desde então, o sr. D. Manuel sentiu a necessidade de deixar ficar os progressistas no poder.

Sendo assim, como se comprehende que tenha convidado alguns dos homens publicos mais em evidencia a formar gabinete? Compreende-se muito bem. Tem isso por fim apenas procurar convencer o paiz de que não ha maneira de resolver a questão—senão conservando o governo. E, talvez, concebe-lo até de que a dissolução é «o unico caminho constitucional e radical que ha a seguir».

Mas, não poderia o sr. D. Manuel correr o risco de alguém aceitar a honra de constituir ministerio e constitui-lo realmente? Não. Elle previu a hypothese e teve o cuidado de evita-la, chamando apenas quem não podia constitui-lo.

O que ha uns dias se observava pelas baixas regiões da politica não passa d'uma comedia. O paiz, se não está completamente cego, deve perceberlo bem. E aqui está o peor mal para o Rei. Poderá este fazer a vontade ao sr. José Luciano. Mas não consegue convencer ninguem de que fez esforços para resolver a questão d'outro modo.

Talvez o sr. D. Manuel, embora pelos olhos do sr. José Luciano, esteja a ver as coisas bem. Na verdade, se, como o

povo diz, *tão bons são uns como os outros*, todas as soluções se equivaleriam. Aceitou, portanto, a que lhe pareceu mais facil e mais commoda. E não andou mal, porque... *quem se mata morre cedo.*

AO DE LEVE...

Os seus peitos, semelhantes a lêmões doces, amaduraram ao calor das minhas mãos frementes.

Puz-lhe ao pescoço um colar de beijos, e tanto a apertei nos braços que senti bater dentro do meu peito o seu inquieto coração.

Ella é formosa, a minha amada, tão formosa que o sol, perdido d'amores por ella, a beijal-a doidamente lhe amorenou a pelle de jaspe.

Procuro-a de noite no meu leito, e a procural-a de balde, foge-me a alma para onde ella está, entre lençoes de renda, dormindo o somno imperturbavel das raparigas sem macula.

Os meus labios em fogo tocam a sua bocca vermelha, e tenho a impressão de beijar a flor rubra do cacto que um orvalho embalsamado ligeiramente humedeceu.

Que harmoniasa é a sua voz, semelhante ao arrulhar de pombas mansas, e que infinita graça ha nos seus meneios, como se fosse uma palmeira de jardim a executar uma dansa grega.

Quizera ser a terra que ella pisa, gracil como a haste d'um lyrio, ou o ar que ella respira, leve como a aza d'um insecto.

Como és formosa, amiga minha, e como eu seria feliz se morresse a beijar-te, entrelaçadas as nossas mãos, sentindo a rijeza elastica dos teus peitos, semelhantes a pequeninos montes de neve.

Perco-me a tactear na treva dos seus olhos, e quando sinto que vou cahir nas profundezas d'um abysmo, illumina-me o caminho um clarão de aurora que lhe afogueia os labios.

Mata-me a ancia de possuil-a, e matar-me-hia a sua posse, que a minha alma atormentada só pôde viver na desgraça.

Ella é formosa, a minha amada, tão formosa que o sol, perdido d'amores por ella, quando a vê passar na rua, affastando nuvens em monte, corre a beijal-a doidamente, amorenando-lhe a pelle de jaspe.

MULTIPLUS.

BALADAS DO S. JOÃO

*Dansam moços, dansam velhos
Em noites de S. João;
Só eu não danço, pois tenho
Cadeias no coração.*

*Cadeias d'oiro fundido
No lume do teu olhar!
E a minha alma em doido anceio,
Encarcerada no seio,
Pelos olhos a espreitar...*

*Anda a dansa nas fogueiras!
O' banza, diz-me as canções
De quem dansa alegremente...
—Meu coração é parente
Da prata dos teus bordões.*

*Até os proprios salgueiros
Se requebram pelas aguas...
Lindo par que se fazia,
Se acaso a tua alegria
Desse o braço ás minhas maguas!*

*O meu peito é banza velha.
Vinde todos, tocadores,
A fazel-o remocar,
Cantando, pois a cantar
Vão-se as maguas, vão-se as dôres!*

*S. João fez uma fonte,
Aguas d'oiro á fonte vêm.
De que servem fontes d'oiro,
Sempre ás moscas, sem ninguem?*

*Sempre ás moscas!... e ha descantes
Ao derredor das fogueiras!
Ai, S. João da minha alma,
Uma noite assim tão calma,
Ea fonte sem aguadeiras!...*

*Chafariz de linda prata,
Agua d'oiro a despejar...
E as raparigas nas dansas,
Ao vento soltando as traças,
Sempre a dansar, a dansar!*

*S. João que fez ás moças
Que não vêm de cantarinhãs
A' fonte das perdições?
—A fonte verte paixões
Dentro da gente, ás gottinhas...*

*Cada gotta d'agua fresca
Da fonte de S. João
(Lá dizem as raparigas)
E' peor que mil cantigas
Direitas ao coração!*

ADOLFO PORTELLA.

(Das Orvalhadas).

O Beijo

O «Matin», n'um dos seus numeros ultimos, publica, sob o titulo «La guerre au baiser», uma interessante noticia, que não traduzimos integralmente por ser longa, mas da qual vamos, no entanto, respigar os principaes topicos, afim do os submettermos ao criterio das nossas gentis leitoras.

Sabem por certo vv. ex.^{as}—sabem, com certeza, por que já nos temos aqui referido ao assumpto—que as senhoras americanas declararam ao beijo uma guerra implacavel, uma guerra sem treguas.

Portanto, essas scenas vulgarissimas, que nós por ahi presenciemos nas ruas e nas lojas—e só Deus sabe com que inveja!—quando duas ou mais senhoras se encontram e depois das sacramentaes perguntas *Como estás tu? Como tens passado? Estás boa?*, etc., etc., seguidas dos dois e muitas vezes mais repenica d'issimos beijinhos do estylo—essas scenas, diziamos, já raro é verem-se na America.

Ali o beijo, o doce beijo, o saboroso beijo, foi substituido pelo cerimonioso e frio aperto de mão. Convém, no entanto, dizer que

o beijo, assim como tem adversarios, tambem tem partidarios. Nem todos os americanos, felizmente, são destituídos de bom gosto.

E foi talvez por isso que um jornal americano publicou, ha dias, interessantes consultas que um dos seus redactores fez ácerca do beijo a varios medicos e sacerdotes e das quaes vamos dar excerptos.

Ora ouçam vv. ex.^{as}:
Diz o chefe do departamento sanitario de Seattle (Estado de Washington), Dr. Chrichton, que pelo nome não perca:

—Duas pessoas que se beijam arriscam-se á transmissão dos germens de numerosas doenças. Os paizes, onde se pratica em demasia o uso do beijo, estão sujeitos, mais do que qualquer outro, á propagação de epidemias.

Vejam vv. ex.^{as} ao que se sujeitam e... ao que nos sujeitam. Mas queiram agora ouvir o que diz um pastor d'almas, o rev. Bass:

—O diabo do beijo (traduzimos textualmente), enche mais o inferno do que qualquer outro fautor de Satanaz!

E esta!?!...
Mas se fosse só isto—vá. O bom do cura d'almas não ficou, porém, por aqui. Avançou mais, muito mais.

O rev. Bass—ouçam bem, minhas senhoras—propôz que se volte aos costumes que outr'ora havia nos estados do sul da America, em virtude dos quaes «rapaz que beijasse uma rapariga, arriscava-se a ser linchado».

T'arrengo!
Por felicidade um outro medico americano é partidario do beijo, e esse é, nada menos do que o Dr. Ravenal, presidente de uma associação contra a tuberculose.

—O beijo—diz elle—apresenta talvez algum perigo, mas todo aquelle que não se arrisca a depôr um beijo sobre uns lindos labios não é digno do nome de homem.

Appoiado!
Mas o sr. Mac Quade vae mais longe. Referindo-se ás mulheres velhas, que são contra o beijo, diz: —O que essas velhas naturalmente sentem, são ciumes. Eu penso que não só os rapazes têm razão de levar as raparigas para os parques quando lhes querem fazer a côrte, como até opino porque as municipalidades collocassem ali mais bancos e nos sitios menos illuminados. Os namorados que rem beijar-se? Deixal-os beijar.

Será talvez um pouco forte para nós, que não somos americanos, mas essa liberdade, confessamos, agrada-nos.

Por ultimo, o director dos parques de Brooklin (Nova-York), é tambem de opinião que o beijo seja livre, não durando, porem, mais de um minuto.

—Beijo que dure mais—declara elle—é immoral e, portanto, os guardas estão no direito de o interromper.

A tal respeito, não diremos nada.

Mas o caso é que os allemães estão a imitar os americanos, indo até mais além no escrupulo.

Assim é que o chefe da policia de Oberkirchen possui costumes de tal maneira austeros que chegou a prohibir que se toque a «Valsa dos beijos».

Um cumulo de pudor!

“A ALMA NACIONAL” E O “LUAR DE JANEIRO”

(CONTINUAÇÃO)

Com os saques no Oriente pelos vice-reis, capitães e soldados portuguezes, Lisboa tomára o character d'um grande emporio oriental, d'um bazar estonteador, em que a pimenta, a canela, o cravo, o gengibre, o ebano, o sandalo, o almiscar, a canfora, a cera, o anil, as sedas, as porcelanas, as lacas, o marfim, o ambar, as perolas, a prata, o ouro, os rubis, os diamantes, etc., chamavam chusmas febris de traficantes estrangeiros; e onde el-rei D. Manuel, rico kalifa ostentoso, e ás vezes duro sufeta (como no caso sombrio da expulsão dos judeus), organisava a pilhagem e superentendia no trafico. O povo gostava do luxo exotico e extravagante d'este *afortunado* vão, que se exhibia a miúdo, nas ruas da capital, atraz d'um rhinoceronte domesticado e estúpido, e d'elephantes com xaireis de caros, vistosos, brocados. O Tejo regorgitava das famosas *naus da India*, que iam pandas de ganancias, e vinham gravidas de presas; e de navios estrangeiros que nos traziam os productos mais custosos da Europa, e levavam os do Levante. A dinheirama era a rodos nos cofres dos exportadores.

«Venderam junto em um dia,
Em drogas, especiarias,
Setecentos mil cruzados»,

conta Garcia de Rezende.

Mas o verso d'esta medalha era inquietador, sinistro... Portugal despovoava-se. Fidalgos, commerciantes, mesteiros e camponeses, sem contar vadios e frades, emigravam para a India aos rebanhos, aos milhares, em promiscuidades de cumplices, ligados pelos instinctos da rapina e da luxuria, num delirio colectivo de grandezas e bachanaes acendido nas narrações ardentes e sugestivas dos soldados, dos marinheiros, dos padres e dos cronistas. Trabalhar em Portugal era a maior das baixezas. A agricultura cahia, o pão tornava-se caro

«Vimos em Evora valer
Os moios de pão eguaes
Quinze, vinte mil reaes;
Agora os vemos vender
A setenta mil e mais»,

gente morria de fome... Que importava! Havia a India e toda a vasta Conquista, com diamantes e ouro e prata e especiarias... e com a nobre pimenta, cujo trafico constituia um privilegio do rei, do fulgido kalifa-sufeta de Lisboa e d'Alem-Mar, e cuja quantidade montava a vinte mil quintaes por anno. Com isto uma ostentação de portuguezes ou moiros, um luxo desenfreado, em parte á custa da compra, á moda e desabalada, dos velludos, das marlotas, dos razos, das escarlatas, dos damascos, dos coraes, dos espelhos, etc., d'Italia e d'outros paizes. E sobre isto, as corrupções que as viagens, os saques, o luxo, a orgia e o ocio re-fermentavam n'um povo com san-

gues fenicio-libyo, germano e arabe-berbere...

Para coroar esta obra de dissolução d'uma gente ethnicamente heterogenea e socialmente ondeante, vieram os jesuitas e veio a inquisição secar e estarrecer o viciado e inculto, apaixonado e incauto entendimento portuguez, preparado como nenhum, pelo menos na Europa, exceptuando o hespanhol, para aceitar os efeitos intellectuales e moraes da obra do jesuita e da obra do inquisidor.

Estão ditos e reditos, neste momento historico de lucta anti-reaccionaria no profundamente atavico e curioso Porgugal, os processos e resultados da educação jesuitica, que chegou a formular este preceito impressivo, e tolo ou genial: *nemo novas introducat questiones*...

E sobre a receptividade da alma nacional á accção do Santo-Officio, notarei apenas um caso, que se me afigura typico: no primeiro auto-da-fé realisado em Lisboa, no dia 20 de setembro de 1540, foi queimado vivo um bruxo, um medico que fazia curas segundo fórmulas diabolicas do livro de S. Cypriano. Ora este medico bruxo era apenas um mentecapto, como mostrou no supplicio. Ao frade que, de mãos postas, lhe pedia contrição, voltou a cara, zombando. Depois, largou a correr pela escada da pilha, e do alto d'esta fez momos á multidão, enfurecida. O rei e a cõrte assistiam. A população bramia. O bruxo rotejava. Amarraram-o ao poste. Mulherio e rapazio vasaram-lhe um olho com um pau, e racharam-lhe a cabeça á paulada e á pedrada. O misero, se via as pedras com o olho que lhe ficára, cobria-se fazendo escudo da fralda do sambenito. Era hediondo e grotesco. Gastou-se nisto uma hora. Emfim, o fôgo piedoso entrou de queimar o louco, que batia as chammás com as mãos, espavorido, a gritar. Mas o vento, que se levantára, do sul, da banda do Tejo, desviou a labareda; e o doído levou tres horas a estorcer-se e a morrer. Isto edificou sobre o clero e o povo, que gostaram, e quizeram mais.

A este estado chegára o ligur-germano-semita, o composito portuguez, que em cem annos de heroicidades, rapinas e desatinos, de 1418 (descoberta de Porto Santo) a 1519 (viagem de Magalhães), tivéra a função mundial—a unica grande e inconcussa que soube ter até hoje—de descobrir meio mundo...

Mas o factor de decadencia que mais lhe entrou pelo cerebro foi a mamadeira da India que o ensinou a viver e a gosar sem trabalhar, numa vaga infantilidade fatalista e descuidosa de sarraceno e fadista... Ha razões para suppôr que o fadista, quasi extincto, é um

producto anachronico e curiosamente atavico do marinheiro portuguez dos seculos 15 e 16, do matalote pirata que navegou, batalhou, saqueou e orgiou nos mares e portos da India, e que, entrado em Lisboa prestigioso e pelintra, narrador e derreado, achou reles o trabalho, a lucta quotidiana por tres ou quatro tostões; e deu em viver d'uma amante que lhe dava o pão do corpo, o do descante saudoso que lhe dava o pão do espirito—do seu espirito nostalgico, desadaptado, sombrio, degeneradamente epico, feito por e para o fado... E' de notar que o fadista—o de hoje, que não vae ao mar, que nem atravessa o Tejo—conserva do matalote, do gerador ancestral, o andar gingado e elastico, o desdem aspero e triste, as tatuagens symbolicas (navios, ancoras, etc.) a faca (a que chama a *sarda*), o verbo *marear* (matar) que applica com a mestria e a elegancia d'um *diestro*, e outras heranças ainda.

Ora o fadista é a synthese ou o extracto ou um symbolo d'elementos consideraveis e muito caracteristicos do psychismo portuguez. Com as excepções do estylo, como diz Brito Camacho, ha na alma portugueza algo da alma fadista, mórmente na religião de viver sem trabalhar, e na velha e arraigada fé nos fados e no Deus-dará. E' vêr o que ha por ahi, feitas as excepções da praxe. E' o fadista da sciencia, é o fadista da arte, o fadista da industria, o fadista do commercio, o fadista do jornalismo, o fadista da politica... Este é o peor de todos porque a manceba é a patria.

Involto nos fumos da India, como Albuquerque chamava ás contribuições do Oriente, Portugal perdeu da vista as luzes que a Renascença e os filhos de D. João I—D. Pedro, fimo humanista, bem que politico enigmatico; e D. Henrique, um fanatico pelas sciencias e as artes em que a nautica se estriba—tinham mettido no reino, e retrogradou, em geral, na cultura intellectual, fôrmal e industrial. Emquanto o italiano, o inglez, o francez, o hollandez, etc., labutavam nas sciencias, nas artes e nas industrias, aprestando-se para as luctas, graves, da vida moderna, o portuguez fadava, descuidoso e perdulario, á custa dos fumos da India. Mas esses fumos passaram ás mãos duras do inglez, do hollandez, etc., e o portuguez encontrou-se, ao fim d'essa derrocada, atrasado cêrca d'um seculo na evolução intellectual e industrial europeia. Fez, ao menos, um esforço para compensar esta perda? Nem pensou nisso, o fadista. Portador d'um intellecto prompto nas imitações e abundante em ardis, deu em fazer d'europeu instruido e progressivo, amante de sciencias e

admiravel, de pureza, de correção e de vida, que paixões violentas não conseguiam alterar, conservava-se bella durante as agonias dramaticas!

Uma grande amargura devia pesar mais tarde ou mais cedo na minha alma; um dia, emfim, chegou, e horrivel; veio pelo ciúme.

Habitudo aos devaneios simples e serenos das affeições de namorado, ou dos caprichos de amante em regiões temperadas, encontrei-me, subitamente, n'um mundo que não me era conhecido e para o qual o meu coração não havia sido creado. A cada hora vinha um acontecimento, por mais leve, por mais insignificante que parecesse aos outros, acordar-me na imaginação a ideia dolorosa, de que o meu amor não era comprehendido na sua elevação, nem compensado na sua lealdade.

O caracter imprudente e leve de Angiolina despertava-me a todo o instante desconfianças, hesitações, sobresaltos; uma palavra d'ella, um erguer de olhos ao céu, um movimento de hombros, como quem diz que lhe não importa, um simples gesto de quem se sente innocente,

d'artes, etc., etc.; mas tudo isto de cór, papagueado, a fingir... (Ver-se-ha mais adiante que este sestro continuou e continúa a medrar no espirito portugualense).

Foi com gente d'esta laia, e cunhada pelo jesuita e pelo inquisidor, que o joven D. Sebastião—figura intensa e interessante de vesanico coroadado (!)—foi suicidar-se na Africa, deixando o throno em leilão, e o paiz atascado na mais reles das decadencias.

Quando o Marquez de Pombal, cêrca de dois seculos depois, quiz fazer de Portugal uma nação europeia, teve d'importar d'Italia, d'Inglaterra, de França, d'Allemanha e até d'Hespanha professores, engenheiros, militares, empresarios, industriaes, operarios... Depois d'Alcacer-Kibir, a gente portugualense, fadista, resignada, jesuita, inquisidora, tonta e supersticiosa, só uma obra fizera—afóra a da independencia, e essa foi admiravel—á altura, digna, d'ella, um credo—o sebastianismo... Tal foi a accção morbigerada dos fumos da Conquista na vida intellectual: moral, commercial, industrial, economica, politica e religiosa da gente de Portugal.

Depois, as invasões francezas, os tratados com Inglaterra, a independencia do Brazil, o regime constitucional, a representação nacional, as eleições, a liberdade, a divida publica, etc., levaram o portuguez ao modo-de-ser que o leitor muito bem vê e conhece...

Mas d'este bosquejo imperfeito da nossa funda decadencia sae talvez esta noção efficáz e consoladora: o caracter portuguez—arabe-berbere e fadista, romanesco e dissoluto, á superficie, na vida ordinaria, mole, estagnada, e corrupta da nossa sociedade—tem um fundo de resistencia, heroicidade e nobreza—que só accorda e sobrenada nas questões de vida ou de morte da nossa nacionalidade, apagado e indifferente na vida comum e servil da gente portugualense—que poderá e deveré, dadas certas condições, regenerar Portugal...

Foi essa reserva d'ethos que engendrou a valentia das acções d'Aljubarrota, d'Elvas, de Montes Claros, da Rolica e do Bussaco. E' essa reserva d'ethos que faz do nosso grupo ethnico, apesar das nossas miserias, a boa gente portugueza.

(1) Escreverei talvez um dia para a *Alma Nacional* a historia psychiatrica d'este degenerado heroico, sympathico e desgraçado, descendente de Joanna-a-Doida, internada 50 annos no castello de Tordecilhas e Maria de Borgonha, melancolica devota.

bastavam todavia para me dispor em colera contra mim proprio.

Tudo devia perdoar-se áquella rapariga, pelo talento, pela imaginação pittoresca e devancadora, pelos acasos de um espirito inquieto, pelas phantasias innocentes do seu caracter sonhador. Quando affectuosa, dedicada, terna, nunca o amor enidou ter tanto poder na terra: a sua mesma melancolia tornava-se condão para me seduzir de enthusiasmo e de respeito por aquelle destino singular e triste, tão cheio de glorias como de tristezas. Ella soffrera e conhecia a vida.

Os imbecis que a rodeavam, não sabiam sentir quanto era conhecida do mundo aquella mulher em quem apenas viam uma artista e uma creança.

Tinha sobretudo, como nunca vi, os delirios e extases da felicidade. O olhar illuminava-se-lhe de uma luz divina, como se a alma se lhe debatesse no fragil involucre que a encerrava, sequiosa de mais mundos.

Ha mulheres, de quem se gosta, como quem atria consigo a um abysmo; eu sentia a fatalidade a pesar sobre mim, e não tinha ani-

D'onde vem essa reserva? Da brava e ingenua alma celtica, escreveu Oliveira Martins. Do velho ethos ligurico, escreve Theophilo Braga.

Que poderá dar e dará um modo-de-ser social a boa gente portugueza?

Tentarei, emfim, a resposta ao acabar esta synthese lacunar e abelhuda...

(Continúa).

José de Lacerda.

Trechos selectos

D. Filippa de Lencastre e seus filhos na vespera da partida da expedição para Ceuta

Amanhecera lindo e sereno o dia 10 de julho de 1415. Nem uma nuvem toldava o céu. O Tejo, doirado por um sol esplendido, estava liso e scintillante como a face polida de um espelho.

Em um aposento das casas que serviam de paço á rainha em Sacavem, D. Filippa de Lencastre prostrada no leito pela doença de que pouco depois morreu, mandou chamar seus filhos...

Quando D. João I e os infantes entraram, a rainha, com as palpebras quasi cerradas e a cabeça debruçada sobre as almofadas, mostrava repouso, mas os sentidos eram vigilantes, ouviu-os e conheceu-os... E, fazendo um esforço, sentou-se na cama... depois que os contemplou a todos, beijou a cada um com o extremo de quem se despedia para sempre, e pediu tres espadas. Quando as teve, mirou-as com cuidado uma por uma... e disse, virando-se para os infantes... Chegaveis D. Duarte, meu filho!... Deus escolheu-vos entre vossos irmãos para serdes herdeiro d'estes reinos e columna da sua justiça. Dou-vos esta espada. Sêde com ella bom e leal cavalleiro, magnanimo e piedoso, como vosso pae que nos está ouvindo. Tomae d'elle o exemplo em tudo. Encomendovos como áquelle que depois

mo de me separar d'ella; em vez de a fazer infeliz com a minha propria infelicidade. Ella mesma me disse, que adivinhava desgraça; nas horas mais doces do nosso amor, nunca se esquecia até ao ponto de suppôr a eternidade d'elle.

São tristes os amores assim, mas são, talvez, os unicos que prendem. Conheces umas flores, que ha no campo, da côr da primavera, mas nuncias do outómno? Nem perfume, nem verdura em redor da haste; e, na corolla, um ponto escuro, que parece estar de luto pelos dias bonitos de verão. A Angiolina fazia lembrar estas flores; a sua alma saudosa não sabia ter esperanças, nem dal-as; entrava na vida com o sorriso de quem se despede; o meu amor poderia servir de balsamo para aquelle coração ferido por ignorados golpes, mas—ainda em cima!—uma secreta raiva do affecto levava-me a atormental-a.

Entrámos n'um paraíso, e converti-o n'um inferno. Foi horrivel. Tão depressa a abraçava em extase, como tinha horror de a olhar. Chorava encostando a cabeça ao meu hombro, e um beijo acabava tudo.

de meu marido será rei, o amor, a felicidade e a gloria de vossos povos.

Accetae com a benção de vossa mãe e de vossos avós a espada que vos offereço com a firme esperanza de que ha-de ser uma vara de flôres para os humildes e pequenos, um rio de victoria contra os inimigos do nome christão e um açoite rigoroso contra os descritos e oppressores. D. Duarte, dobrando os joelhos e beijando-lhe a mão, recebeu a espada, e jurou que todos estes conselhos ficavam entalhados no seu peito e seriam cumpridos.

D. Filippa lançou-lhe a benção, e pousando-lhe um osculo estremecido na fronte, fez signal para que se erguesse. Adeus, filho! O Senhor te faça tão bomrei e tão bom cavalleiro como é teu pae.

E, voltando-se logo para o infante D. Pedro, com o riso nos labios, a fim de o animar, porque dos tres era elle o que estava mais pallido e cortado de magua, disse-lhe:

«Desde a meninice que sempre vos conheci zeloso do serviço das donas e donzellas, uma das sagradas obrigações de todo o leal cavalleiro. A vosso irmão encomendei a justiça e amor dos povos que ha-de reger um dia. A vós rogo-vos que esta espada seja em vossas mãos defesa e amparo da fraqueza mulheril, que não póde combater senão com lagrimas...»

Ao lançar-lhe a benção para lhe entregar a espada, os prantos rebentaram e a voz do mancebo suffocou-se em soluços sem preferir uma palavra. Este filho era o mais mimoso d'ella, o que melhor retratava nas feições e na alma as grandes qualidades de que a mãe nascêra prendada.

Pedro! Meu filho!... Não me has-de esquecer, bem o sei! Levo-te no coração!... E' a vontade de Deus!

E, recobrando toda a presença de espirito, em um momento pôs a vista no infante D. Henrique, e chamando-o com a boocca e o sorriso, ac-

Sorriamos depois da minha loucura. Mas, assim se ia quebrantando a confiança, o enthusiasmo, a estima mesmo, talvez.

A inquietação, a febre, a insomnia, iam-me devorando lentamente a razão e a vida.

O phrenesi da minha desgraça augmentava na proporção do amor de Angiolina: maior era a luz da felicidade que ella me dava por instantes, maior depois e mais densa a sombra dos meus receios.

A nossa existencia era doce, mas triste; muitas vezes os seus beijos vinham banhados em lagrimas, sem causa e sem razão: a nossa alegria mesma era melancolica, e a ideia de que havíamos de separar-nos minava-nos de desventura.

O seu retrato, que eu costumava vêr, nas horas em que não podia vê-la a ella, e em que o sonho não vinha nada comigo, produzia-me uma impressão fatal, que não soube nunca explicar-me; aquella invariabilidade dada a uma creatura que não se conservava um momento a mesma, affligia-me como uma mentira. Queria fechar por instantes aquelles olhos, sempre abertos como

O Casal

II

Depois: Sofria n'aquellas noites de theatro, como um louco. Se não applaudiam Angiolina, tinha accessos de colera indomaveis; se lhe davam palmas, tinha ciúmes do publico, da gloria e da felicidade! A proporção que ella desempenhava uma opera, ia tornando-a impossivel a outra cantora.

Era um talento privilegiado, unico. Quando era Norma, e apparecia coroadada de verbena, deixando perder o olhar no argenteo clarão da lua, — quando era Gemma, e o ciúme lhe contraia o rosto n'uma expressão de raiva e de martyrio — quando era Martha, e, na feira, com o seu disfarce, de camponesa, sorria aos galanteadores que queriam levar-a no seu carro, — quando era Sapho e dedilhava a lyra, sobberba de genio, e de desgraça, — aquella interessante cabeça, como esculpida pelo Phidias, erguia-se, nobre, sobre hombros de marmore, e a mascara,

crescentou: Filho, chegavos! Vistes como reparti as outras espadas. Dou-vos a terceira, a qual eu tenho que, assim como vós sois forte, o seja também ella para vos ajudar em vossas emprezas. A um dos vossos irmãos encomendei os povos, a outro as donas e donzellas; vós, quero que sejaes o amigo e protector dos fidalgos e cavalleiros d'estes reinos. Sei muito bem que todos são de el-rei e elle d'elles; mas, quando algum carecer de intercessor que lembre seus serviços, ou de defensor que emende seus aggravos, abri os ouvidos e as mãos para os socorrer, e que ninguém chame em vão pelo vosso nome.

L. A. Rebello da Silva.

NOTICIARIO

Agradecimento—O nosso presado amigo e conterraneo, sr. José Liborio Ferreira, pede-nos a publicação do seguinte:

«José Liborio Ferreira julga ter agradecido a todas as pessoas que acompanharam á sua ultima morada o cadaver de sua saudosa esposa D. Rosa Fernandes d'Almeida Liborio e bem assim a todas aquellas que pessoalmente, ou por cartão, lhe manifestaram o seu sentimento; podendo, porém, ter commettido qualquer falta involuntaria, aproveita este meio para a todos testemunhar o seu profundo reconhecimento, muito principalmente áquelles que na estação d'Aveiro aguardavam a urna funeraria e a acompanharam até ao cemiterio d'esta freguezia.

Eixo 21-VI-910:

José Liborio Ferreira.»

Consortio—Realizou-se, no dia 18, o consortio do sr. Carlos da Silva Lisboa, digno guarda civil d'Aveiro, com a sr.^a Emilia Ferreira Lopes, natural da Mourisca. Foram padrinhos o sr. José Nunes d'Oliveira, importante proprietario em Verdemilho, e a sr.^a Sarah da Silva Lisboa, irmã do noivo. Aos noivos desejamos as maiores felicidades.

Lxcursões escolares—Os alumnos da 5.^a e 7.^a clas-

o dos somnanbulos, que me seguiam sem me ver.

A datar d'esse periodo de effervescencia, de exaltação, de anciedade, nada mais sei ao certo. Contam que, numa noite, uma congestão cerebral me tornou louco.

A minha familia, por conselho dos medicos, enviou-me para um casal que temos perto, de Bellas. Ali, numa tranquillidade toda bucolica, sem que pudesse avistar senão campo, sem que pudesse ouvir senão os passaros, esperavam que, com o tempo, a razão e a paz volvessem á minha alma. Dizem que pouco fallava, e que, na occasião dos accessos, apenas algumas palavras soltas, ou um trecho de musica, revelavam que me lembrava ainda das noites de theatro.

Aquelle casal perdido entre oliveiras tomou subitamente um caracter poetico. Dir-se-ia o local da expiação do amor! Das minhas sinceras affeições, dos meus votos, das minhas ideias, das minhas crenças, formára eu a fogueira que houvesse de consumir-me. Enchia tudo de terror, á roda de mim. Ora me consideravam a ponto de ser salvo, ora

se do lyceu de D. Manuel 2.^o (Porto) vieram a Aveiro, em missão de estudo, respectivamente na 5.^a feira e sabbado da semana passada. Visitaram o pharol, as salinas, o lyceu, o convento de Santa Joanna e a fabrica da Vista-Alegre. Os primeiros foram acompanhados pelos professores Alvaro Machado e Alfredo Coelho de Magalhães e os segundos pelos professores Joaquim Cambezes, Pereira Salgado, Couto Soares e Silva Dias.

Os estudantes da 4.^a e 5.^a classes do lyceu d'Aveiro visitaram, na quinta-feira da semana passada, o Bussaco, sendo acompanhados pelo Reitor, sr. Francisco Regalla, e professores Oliveira Simões, Alvaro de Moura e Athaide Ramos.

Nomeação—Foram nomeados consules, respectivamente em Demerára e Pará, os nossos presados amigos srs. drs. Aristides e Cesar de Sousa Mendes, a quem, com um affectuosissimo abraço, enviamos as mais cordeas felicitações.

Parabens—Ao sr. José Rodrigues Sucena, dilecto filho do nobre conde de Sucena e distincto alumno do 3.^o anno juridico, enviamos os mais cordeas parabens pela excellente classificação que obteve nos actos que acaba de fazer.

Credito predial—Pelo relatório apresentado ao sr. juiz de Instrução Criminal pelos peritos encarregados do exame á escripturação do Credito Predial vé-se que cabem também responsabilidades nos desfalques ao sr. José Bello, administrador geral das propriedades da Companhia, antigo deputado e grande influente politico na capital, que já está preso.

INSTRUÇÃO PRIMARIA

Rudimentos de Sciencias Naturaes, conformes ao programma de 1902

ALVARO M. MACHADO

Bacharel formado em Philosophia e Medicina pela Universidade e professor effectivo do Lyceu D. Manuel II

A. A. FLORES LOUREIRO

Medico cirurgião pela Escola Medica do Porto e professor interino do mesmo lyceu.

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

me davam por perdido. Uma alegria, um intimo goso, uma aspiração poderiam valer-me, mas como?

Fica o firmamento povoado de fogos inextinguiveis em o dia apagando as faiscas do grande luzeiro; mas no céu do pensamento, onde as esperanças são estrellas, o que fica em se ellas indo embora! Foi passando tempo sem melhoras para mim. Os medicos começavam a desanimar. A loucura, meu amigo, é doença degradante: ao leproso ninguém se chega; e, do louco, foge-se. Valeu-me o querer a Providencia fazer alguma coisa nisto; e a hora chegou.

Angiolina, que nunca mais soubera de mim, voltava uma noite de Bellas, onde havia passado o dia, quando a sua carruagem se quebrou na altura da estrada que conduz ao casal. Era tarde, a noite ia fria, e as precauções de cantora levaram-a a querer recolher-se n'algum sitio resguardado do vento, emquanto não se achasse meio de continuar a jornada. O cocheiro appareceu á porta do casal a pedir agasalho por aquella noite para uma senhora, que, partiado-se lhe a carruagem em

O caso do Credito Predial

Do Portugal transcrevemos a seguinte carta:

Lisboa, 23 de junho de 1910.

O sr. José Maria da Costa Bello, empregado do Credito Predial, acha-se preso e incommunicavel á ordem do Juizo de Instrução Criminal.

Não sei se é culpado ou innocente dos factos que lhe imputam. Sei apenas que não pôde defender-se por isso que, como V. não ignora, a instrução criminal e todo o processo preparatorio até á pronuncia são exclusivamente accusatorios e secretos.

Ora, quer como advogado quer como jornalista, os meus principios ácerca do assumpto são bem conhecidos e não dependem da fé politica, confissão religiosa ou posição social das pessoas chamadas a juizo.

Quer n'uma quer n'outra qualidade sempre sustentei, sustento e sustentarei que o individuo, desde que é entregue ao poder judicial, tem direito, pelo menos, á absoluta neutralidade de todos os elementos estranhos á accção legal contra elle promovida, a menos que essa intervenção tenha por fim obstar a que, contra elle, se pratique qualquer illegalidade ou, por qualquer fórma, se lhe coarte o direito da defeza.

Foi coerente com estes principios que, apesar de cruel e constantemente agredido pela imprensa clerical, eu, sem affirmar nem negar a innocencia da accusada, classifiquei de monstruosidade juridica o processo da irmã Collecta.

Foi ainda coerente com estes principios que, apesar de estranho á defeza de Leandro Gonzalez Blasques, arguí de injustiça notoria, nulidade manifesta e erro judiciario clamoroso o seu processo e julgamento, convicção esta que cada vez mais se me arrega no espirito, perturbando-o e angustiantdo-o.

Ambas essas creaturas foram condemnadas pela prevenção, a que o eminente advogado Lachaud chamava o crime das pessoas de bem.

Ambas ellas foram principalmente condemnadas pela imprensa, reflectindo, de boa fé, a opinião publica, tambem de boa fé mas desvaírada.

E' ainda coerente com os mesmos principios que, advogado do sr. José Maria da Costa Bello, reclamo para o meu constituinte, para o sr. Quintella, para o sr.

que ia, se encontrava sem saber onde se recolhesse. Angiolina entrou para o quarto do meu enfermeiro, dizendo-se-lhe, apenas, que, não havendo na casa senão dois quartos, e estando occupado o outro, deveria sujeitar-se a ficar mal accommodada ali. Ella respondeu que não queria deitar-se, e que de madrugada partiria. O casal voltou á tranquillidade de um silencio de sepulchro. Eu nada vira e nada ouvira do que se havia passado. No dia immediato devia ser a festa da Paschoa; do meio da noite em diante ranchos e ranchos de aldeões passaram pelo casal dirigindo-se a Caneças.

Iam alegres e contentes, respirando esperança. A noite tornava-se tepida e perfumada; o luar doirava os campos; os aldeões passavam abraçados ás namoradas, cantando, e beijando-as.

Angiolina espreitou á janella, por entre os vidros, aquelle mundo de rusticas felicidades. Levantou depois a vidraça de vagar, para incommodar menos o cortinado de era, e, extatica, admirou e olhou.

Iam cantando uma trova, cuja toada ella repetiu logo, dando-lhe

Talone, para quantos venham a ser implicados no descalabro do Credito Predial, para o proprio sr. José Luciano de Castro, se por ventura d'elle tomar conta a justiça, a mesma absoluta neutralidade de todos os elementos estranhos á accção legal contra elles promovida, meros que essa intervenção tenha por fim obstar a que contra elles se pratique qualquer illegalidade ou, por qualquer fórma, se lhes coarte o direito de defeza.

Precisamente porque eu e o sr. José Maria da Costa Bello somos, em politica, irreductivos, por isso mesmo esta deligencia se impõe, aliás, quando amanhã, no exercicio da minha profissão, quizesse invocar para um correligionario as garantias que ora peço para um adversario, nenhum juiz, nenhum tribunal, a propria opinião me dariam credito.

Ruy Barbosa, o jurisconsulto insigne, de quem o Brazil se orgulha, como a Inglaterra se ufana de de Mansfield, impetrou um dia uma ordem de habeas corpus para homens que, segundo era voz corrente, haviam jurado a sua morte.

No Supremo Tribunal Federal, onde o pedido foi discutido e concedido, se grande era a distancia material entre a tribuna do patrono e o banco dos accusados, maior, mais vasto e mais profundo era o odio que os separava.

Acima, porém, de accusados, defensor, juizes e publico, havia o direito immortal e foi esse que desfranzindo rostos, distendendo nervos, applacando almas, encontrou a formula de justiça distributiva que ao caso e aos homens convinha.

O sr. José Maria da Costa Bello está preso e incommunicavel. Se amanhã o accusarem de ter perturbado a rotação da terra ou a successão das estações elle não poderá defender-se... porque nem sequer o saberá.

A imprensa do meu paiz é bastante intelligente e generosa para comprehender que em face dos principios, esta argumentação é inatacavel e manifesta a procedencia do pedido.

Se o meu ex.^{mo} collega entende que elle deve ser deferido, grande mercê fará já quem se subscreve, com a maior consideração.

Att.^o Ven. Obj.

O advogado

José Soares da Cunha e Costa.

ABC Illustrado

POR

ANGELO VIDAL

A' venda em todas as livrarias.

pelo encanto da sua voz um poder singular.

De onde partia, de onde vinha aquella voz, que havia sido a minha vida, a minha felicidade, a minha loucura até?

Como descrever a sensação que se apoderou de mim?

Corri á janella, como perguntando á noite o segredo d'este raio de graça; parecia-me que ouvia as arvores fallarem baixinho, e murmurarem de ramo em ramo supplicas; que a minha alma entendia. Angiolina cantava ainda, espalhando na solidão do casal as perolas e lagrimas do seu canto. A imaginação principiava a crear-me visões como que além d'esta vida. Via Angiolina em cada raio da lua, como se transformasse a terra na imagem do céu e me convidasse a mudar de patria.

Abriu a janella e, a cantar, ficou vendo a noite.

Maravilhava ainda mais o canto d'ella ao ar livre, á acompanhar os sons da agna na sombra; era ainda melhor a cantar entre flores, abrigada por arvores naturais, tendo por tecto o firmamento, do que em

DOS NOSSOS CORRESPONDENTES

Vagos, 7

(RETARDADA)

Estas noites calmas em que o luar, com os seus raios prateados, nos deixa vêr a rua movimentada por diversos grupos, que discutem e berram, trazem-me ao coração a saudosa recordação do meu tempo de estudante em Coimbra onde também tantas vezes se disutiui, por noites claras e já a deshoras, a ida ao restaurante da tia Joaquina Cardoso, mulher deveras pançada, mas limpa e attraente. Bons tempos, esses, em que, embrulhado na capa rota e velhinha, acordava, de viola em punho, debaixo do peitoril da janella d'alguma linda mulher, quando o sol indiscretamente me vinha cumprimentar.

—Estiveram aqui os meus amigos srs. José Moreira da Silva Mendes, João Simões Lucio, Augusto Levy de Miranda Louro, João de Miranda Roldão, Francisco Gomes de Figueiredo e Manuel Vieira de Carvalho, todos de Mira.

—Foi julgado, no tribunal d'esta comarca, o sr. Manuel da Cruz Fazendeiro, accusado de quebra culposa. Ficou absolvido. Defensor, dr. Terrivel.

—Maria Rebóca foi atropelada por um carro de bois. Felizmente, o caso não tem a gravidade que ao principio se suppunha.

—O meu antigo companheiro de Coimbra e distincto escriptor, dr. Orlando Marçal, acaba de offerecer-me o seu adoravel livro «Maria», em que revela altas faculdades de estylista e observador. Ao dr. Orlando Marçal, com um affectuoso abraço, envio os mais cordeas agradecimentos pela sua penhorante lembrança e desejo os maiores triumphos na carreira da advocacia que deve iniciar dentro em pouco.

—Devido aos cuidados do medico municipal, sr. dr. Carlos Ribeiro, encontra-se melhor o sr. Duarte Cunha que, ao preparar o gazometro do club, foi queimado no rosto.

—Festjou-se, no Bóco, com muita pompa, o S. Sebastião. Foi orador o rev. parochio do Covão do Lobo. A tarde houve arraial, executando a nossa musica alguns trechos do seu repertorio, sob a regencia do sr. Adelino Bolhão.

Baptista Cruz.

Subscrição aberta a favor dos alumnos necessitados das duas escolas officiaes d'esta villa e dos nossos conterraneos extremamente pobres e impossibilitados, por falta de saude, de ganharem os meios de subsistencia.

Transporte . . . 1166\$500
José Rodrigues Laranjeira . . . 500
João das Neves Martins . . . 2\$600

Somma . . . 160\$150

Todos os nossos conterraneos, que queiram subscrever, podem dirigir-se á Ex.^{ma} Senhora D. Maria Lucia dos Reis e Lima e aos snrs. Dr. Eduardo de Moura, Antonio Simões da Silva e Avelino Dias de Figueiredo, em Eixo; Manoel Dias Saldanha, em Lisboa, Rua Augusta, n.^o 100-1.^o; e Dr. Alfredo de Magalhães, no Porto, rua de S. Miguel, n.^o 36.

jardins de theatro.

Não presentia ella sequer que tão perto de si, separados apenas por uma parede, estava este infeliz que o amor tornára louco por ella... Mas, a pouco e pouco, a razão voltava; aquelle canto fallava-me; era conhecida da minha alma aquella voz: o casal parecia mudado num palacio de encantamentos... Quando o dia principiava, a voz calou-se.

Apenas, depois, se ouviu a falla do cocheiro. E, em seguida, o rodar surdo da carruagem, e o demorado trancar das portas.

—Angiolina? gritei.
A carruagem continuava a rodar, e o meu grito perdeu-se nas nevoas da madrugada.

Um abraço, que me den o medico, como que me fallava de alegrias.

—Que se passou então? perguntei. Ell respondeu-me:

—Sonhou.
Dias depois, já salvo, voltei a Lisboa. A epocha lyrica acabára. Estava fechado o S. Carlos. A cantora tinha-se ido embora: creatura de destino errante, proseguira em procura do futuro, que é o céu dos artistas... JULIO CESAR MACHADO.

Bibliotheca Humoristica

A RIR... A RIR...

DIRECTOR E UNICO REDACTOR

Ferreira Manso (V. LHACO)

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

50 rs.--32 paginas--50 rs.

A RIR... A RIR... não é o titulo d'uma publicação periodico, de character permanente, com a qual o auctor irá buzinar, duas vezes por mez, aos ouvidos do publico enfasiado;

A RIR... A RIR... é o titulo do 1.º volume da «Bibliotheca Humoristica», fundada pela Livraria Central, de Gomes de Carvalho, rua da Prata, 158, e que será publicado em folhetos de 32 paginas, de numeração seguida, constituindo ao fim de 10 numeros, um elegante volume de 320 paginas, com o retrato do auctor e cem pequenos artigos de critica aos exaggeros, aos ridiculos, aos prejuizos da sociedade.

Ao A RIR... A RIR... seguir-se-hão as «Gargalhadas saticas», com as quaes V. Lhacastigará todos os typos que representam a tyrannia, a exploração, enfim, a reacção em todas as suas manifestações; a estas «A Moral» e a «Litteratura»; de, pois as «Dejecções Theatraes», etc., etc.

A RIR... A RIR..., como todos os volumes que hão-de seguir-se, é uma publicação typica, unica no seu genero, tendo a caracterisal-a o bom humor permanente, a originalidade, a variedade, a barateza.

A RIR... A RIR... é um verdadeiro desopilante.

A venda em todas as livrarias

LIVRARIA CENTRAL
DE
Gomes de Carvalho, editor

158, Rua da Prata, 160—LISBOA

MALVERT

SCIENCIA E RELIGIÃO

Traduzida da 3.ª edição franceza por

HELIODORO SALGADO

Esta obra é um ensaio de vulgarisação, em forma clara e attrahente, dos dados positivos fornecidos pela sciencia moderna sobre a genése e cohesão das religiões especialmente da chistã, projectando uma lua nova sobre problemas a que nenhum homem intelligente, seja qual for a sua opinião e a sua creança, poderá ficar indifferente.

1 volume com 156 gravuras

Preço 500 réis



LIVRARIA FERNANDES

SUCCESSOR J. PEREIRA DA SILVA

44, Largo dos Loyos, 45—PORTO

Ultimas publicações:

MANUSCRIPTO

DAS
ESCOLAS PRIMARIAS

(Illustrado)

por Angelo Vidal

Cuidadosamente organizado, contendo variados typos de letra, alguns muitos proprios para modelos calligraphicos, modelos de requerimentos, letras, cheques, etc.

Autographos de distinctos escriptores e de grande numero de professores.

Broch. 120 Enc. 200 reis

Desenho Geometrico dos Lyceus, para as 4.ª e 5.ª classes, por Angelo Vidal.

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Para festas das creanças

Puerilidades

por Angelo Vidal

Poesias e monologos para creanças. Com o retrato do auctor.

Brochado 250 reis Encadernado 350

PORTUGAL NA CRUZ

Versos de BERNARDO PASSOS

Edição da Livraria Central, de Gomes de Carvalho—158, Rua da Prata, 160, LISBOA.



GRAMMATICA ELEMENTAR

DA
LINGUA PORTUGUEZA

PARA
USO DOS ALUMNOS
D'INSTRUCÇÃO PRIMARIA

Elaborada segundo os actuaes programmas

FOR
ALBANO DE SOUZA

3. EDIÇÃO MELHORADA

Este compendio facilita o ensino tornando-o muito simples, pratico e intuitivo. Tem nelle um valioso auxiliar os snrs. professores, porque torna ás creanças d'uma grande suavidade e portanto, extremamente facil, esta disciplina tão ardua, tão complexa.

Cartonado 150 réis

PROGRAMMAS D'INSTRUCÇÃO PRIMARIA—Com modelos para requerimentos de exames de nstrucção primaria. BROCHADO 60 REIS.

TABOADA e noções de Arithmetica e Systema metrico, em harmonia com o programma, para as 1.ª 2.ª e 3.ª classes de Instrucção Primaria, por A. M. F.

3.ª edição. . . 400 reis



ANGELO VIDAL

ABC ILLUSTRADO

A' venda em todas as livrarias.

Manuscripto das Escolas Primarias

FOR

Angelo Vidal

Edição da Livraria Fernandes

Suc. J. Pereira da Silva

44—Largo dos Loyos—45

PORTO

O Manuscripto das Escolas Primarias—contem exercicios graduados e variados de letras de penna, illustrado em cada pagina com desenhos originaes accomodados á obra e em que mais uma vez se revela a fecundidade e o espirito do auctor.

De todos os paleographos que conhecemos este é, sem duvida, o mais completo, variado e attrahente. Alem d'isso é para nós o mais sympathico por ser devido á penna d'um amigo e conhecido de quem se pôde dizer, como alguem disse do mallogrado Pinheiro Chagas, alludindo ao seu trabalho de todos os dias—precisa de fritar os miolos á familia no dia seguinte

Depois, o preço é tão modico, 120 reis, apenas, se compararmos ao volume da obra e ao seu merito intrinseco, que suscita o desejo de o adquirir mesmo a quem supponha que não precisarão d'elle.

(Da Vitalidade de 17 d'outubro, 1908).

A FAMILIA MALDONADO

FOR

VIEIRA DA COSTA

E

OS TRISTES

FOR

FRANCISCO BARROS LOBO

Livraria editora de Gomes de Carvalho—Rua da Prata, 158 e 160—Lisboa.

ABC ILLUSTRADO

ANGELO VIDAL

A' venda em todas as livrarias.

2.ª edição—Brochado 60—Cart 100

Convencido de que «a facilidade da leitura está para a creança na razão directa da retenção na memoria do nome das letras», procurou o auctor, n'este modestissimo trabalho, conseguir este fim por meio de desenhos mnemonicos.

A acceitação que este livrinho vai tendo, anima-nos a recommenda-lo ao professorado.

Quadros parietaes d'este methodo:— Collecção de 12 quadros em papel, 306 reis. Collecção de 12 quadros collados em cartão 2\$300 reis.

LÉON TOLSTOI

A Clero. A destruição do inferno e a sua restauração. Traduzido por Mayer Garção. 1 vol. 200.

O que é a religião? Tradução de Heliodoro Salgado. 1 vol. 200

Pão para a bocca. Origem do mal. Tradução de Affonso Gayo. 1 vol. 100.

Razão, fé, oração. Tres cartas traduzidas por Marianna Carvalhaes. 1 vol. 100.

(O Bom senso do) A Razão dum Padre. Tradução de M., com uma noticia de França Borges. 1 vol., 500.

Atravez das edades. Poemete oferecido ás piedosas reflexões do sr. Arcebispo de Evora, por Heliodoro Salgado. 1 vol., 200.

O Seculo e o Clero, por João Bonança 2.ª edição. 1 vol., 300

A mentira religiosa, por Max Nordau. Tradução de Affonso Gayo. 1 vol., 100

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Semanario independente, noticioso, pedagogico e litterario

Redacção e Administração:
R. de S. Miguel, 36--PORTO

ASSIGNATURA
(Pagamento adiantado)

PUBLICAÇÕES

Portugal—anno	1\$200
» —semestre	600
Africa —anno	1\$500
Brazil —anno—(moeda forte)	2\$200

Annuncios, por cada linha	10 reis
Communicados, cada linha	20 »
Para os srs. assignantes 25 p. c. de abatimento.	—
Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.	—

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Redacção e Administração—Rua de S. Miguel, 36—PORTO

Em: Int.

3.º ANNO—N.º 27